

20 de Julho de 1950

MEIO DE SEMANA

De maneira nenhuma!... procure pensar mais profundamente, examine as coisas com essa atenção demorada dos espíritos que não tem compromissos e desejam apenas absorver a verdade última que circula sob a aparência das formas. Veja esta rosa, por exemplo. Há qualquer coisa de Bergson em seu mistério, porque na sua aparente imobilidade é uma tentação: o espírito pensa diante dela que pode afirmar: eis uma coisa perfeita para sempre; se a imobilizarmos na eternidade de sua figura prestigiosa, nada mais poderíamos acrescentar à sua beleza. Somos uns apressados, não temos o sentimento do corte transversal dos volumes que aprofunda o segredo de todas as coisas. Acertamos apenas durante um momento, durante este momento, que já não é mais o mesmo depois de escoado o segundo próximo, o minuto de sua fronteira impalpável. A perfeição da rosa está se realizando a cada instante. No seu permanente vir a ser, encontra os elementos da morte. A suprema perfeição daquele segundo em que existiu na sua plenitude! Depois, é o declive que nós não percebemos senão sob a mortalha final. Também a figura humana tem o seu instante supremo. Poderíamos até imaginar um filme composto de milhares de fotografias. Girando rapidamente, veríamos o tempo exercer a sua pressão em torno dessa máscara. Assistiríamos ao esplendor e ao declínio de um rosto, da juventude à ruína, ao longo de alguns minutos. E talvez nos enganássemos sobre o momento exato de sua única perfeição, a hora móvel e incerta de sua força totalmente desencadeada.

Se as formas espontâneas da natureza e seus secretos conteúdos escondem à nossa contemplação seus momentos supremos, que dizer então das fabricações do espírito humano! A vida participa da silenciosa corrente de seu

subsolo. Cada criação em seu mundo de formas, é a perfeição desse instante que sobe, cintila durante algum tempo, e submerge para sempre. Mas um poema, produto da indústria do espírito, que não nasce como as rosas, que é como uma secreção do trabalho da inteligência, esse deve se alimentar com a seiva incerta do tempo. Nunca estará definitivo, jamais poderá repousar na sua forma perfeita, que naturalmente existe, mas é inapreensível. Daí Valéry dizer que um poema está terminado quando se esgota o prazo de sua entrega à revista, ou quando o autor começa a sentir náuseas toda vez que tenta aperfeiçoá-lo com modificações sugeridas pelo momento, pelo acaso de novas idéias, pelo desejo de uma forma mais ágil. Se os poetas da madrugada do mundo voltassem de seu silêncio, certamente seriam tentados a refazer seus poemas. Quanta coisa esqueceram! Quantos momentos inesperados, depois, pousaram em seus espíritos, entreabrindo nestes a momentânea surpresa de uma outra dimensão! Quantos pássaros nos seus sonhos, asas de uma cor ainda sem nome na vida obscura da terra, cantos trazendo na sua ondulação fugitiva a presença de claridade oculta em outros universos...